



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**ANA CAROLINA CASTRO MATOS
RAFAEL RIBEIRO BARRETO**

**O DEMOLIDOR VOLTOU:
Galícia E.C**

Salvador
2014

**ANA CAROLINA CASTRO MATOS
RAFAEL RIBEIRO BARRETO**

**O Demolidor voltou:
Galícia E.C**

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de graduação em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo e produção cultural.

Orientadora: Profa. Ms. Simone Terezinha Bortoliero

Salvador
2014

**ANA CAROLINA CASTRO MATOS
RAFAEL RIBEIRO BARRETO**

**O DEMOLIDOR VOLTOU:
GALÍCIA E.C**

Memorial aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação de Jornalismo e Produção Cultural da Universidade Federal da Bahia – UFBA, pela seguinte banca examinadora

Orientadora:

Simone Terezinha Bortoliero
Prof^a . Mestre em Comunicação Social

Avaliador 1:

Malu Fontes

Avaliador 2:

Paulo Roberto Leandro

Aprovados / /

AGRADECIMENTOS

Falar de esporte sempre nos trouxe muitas conversas descontraídas na faculdade. Quando o tema passava pelo ponto de vista da imprensa esportiva baiana, sentíamos responsáveis por fazer algo que contribuísse para o fim da marginalização de clubes com histórias tão ricas como o Galícia E.C. Por isso, o videodocumentário nos causou grande alegria e bastante comprometimento profissional para realizarmos o melhor trabalho que pudéssemos fazer. Para tal, precisamos da ajuda de algumas pessoas que colaboraram efetivamente com a finalização do trabalho.

Primeiramente, devemos agradecimentos a Deus pelo dom da vida e por nos guiar nos caminhos certos durante todo o processo de idealização, gravação e edição. A posteriori, agradecemos também a nossos familiares pela compreensão e apoio, ao amigo Rogério Menezes pela ajuda na edição do documentário e aos amigos e professor Maurício Tavares pelas pesquisas e conversas referentes a participação de ambos no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Jornalismo Esportivo na Bahia até o ano de 2012

Não podemos deixar de lembrar também o Galícia E.C pelo fácil acesso a informações e pela intensa parceria, principalmente nas pessoas de Beto Boulhosa, diretor de Comunicação, Beto Oubinha, diretor de Marketing e Eduardo Matta, diretor Jurídico/Administrativo.

Agradecemos também a rede Bahia pela ajuda na locação da entrevista com Darino Sena e a Band Bahia pela disponibilização de imagens e pela locação da entrevista com Dito Lopes. Devemos agradecimentos também a todas as fontes pela disponibilidade e paciência.

Por fim, gostaríamos de agradecer a orientadora Simone Bortoliero e a todo Laboratório de TV da Facom-UFBA, pelo empréstimo de câmeras durante a gravação e pela ajuda referente a Bibliografia.

*Galícia, Galícia, Galícia,
Demolidor de Campeões!
Granadeiros da Cruz de Santiago
Clube querido com muitas tradições
O Galícia tem nome na história,
no futebol tem títulos de glória!
Salve, salve, pendão galiciano
Alegria do futebol baiano!*

Hino do Galícia Esporte Clube
Composição: Fernando Icó da Silva

RESUMO

Este memorial é parte do trabalho de conclusão de curso produzido por alunos da Faculdade de Comunicação da Bahia apaixonados por futebol. Diante do cenário local de pouco investimento empreendido no esporte, e a pouca valorização e divulgação de times que não sejam Bahia e Vitória, nos sentimos atraídos a realizar um videodocumentário jornalístico e esportivo sobre o Galícia Esporte Clube. Intitulado O Demolidor Voltou: Galícia Esporte Clube, tal videodocumentário busca valorizar o clube que é pouco noticiado na grande mídia, assim como suas histórias de glórias, seus torcedores e o recente acesso a série de elite do Campeonato Baiano (Baianão) para 2014. A escolha pelo gênero documentário se fez devido ao grande número de conquistas do clube, a decadência vivida por eles a partir dos anos 70 e sua recente volta à elite do Baianão, histórias que mereciam ser contadas. Em pesquisa para a escolha do tema do trabalho de conclusão de curso, verificamos uma visível carência de produções que envolvam o esporte, o jornalismo documental e os pequenos clubes. Baseados em fontes diversas como jornalistas esportivos, historiadores, torcedores, diretoria, jogadores antigos e atuais, os discentes pretendem mostrar que é possível unir jornalismo e esporte numa linguagem documental e próxima da realidade galiciana. Esperamos contar as gloriosas histórias do Galícia, primeiro clube tri-campeão baiano, mostrar as dificuldades enfrentadas como obtenção de patrocínio e visibilidade, valorizar jogadores, torcedores e a recente conquista de um clube que precisa voltar a ser destaque dentre os times da capital.

Palavras-chave: Videodocumentário. Futebol. Galícia Esporte Clube. Mídia esportiva. Serie A do Baiano.

ABSTRACT

This memorial is part of the completion of course work produced by students of the Faculdade de Comunicação da Bahia that are football fans. The scene in Bahia is of little investment undertaken in the sport, and little promotion and dissemination of other teams than Bahia and Vitoria, we feel compelled to hold a news and sports video documentary about Galicia Esporte Clube. Untitled O Demolidor Voltou : Galícia Esporte Clube, this video documentary seeks to value the club that is under-reported in the mainstream media, as well as their stories of glories, fans and the recent series of elite access to the Campeonato Baiano (Baianão) for 2014. The choice for the documentary genre was made because we found large number of achievements of the club, the decay experienced by them from the 70's and his recent return to série A of the Baianão, stories that deserved to be told. In research for choosing the theme of the work of completion, we observed a noticeable lack of productions involving sports, documentary journalism and small clubs. Based on sources such as sports journalists, historians, fans, directors, and ex-players, the students intend to show that it is possible to join a sports, journalism, documentary to show the reality of Galícia. We hope to tell about the glorious stories of the club, first tri - champion in Bahia, showing the difficulties to obtain sponsorship and visibility, value players, fans and recent achievement of a club that needs to be again featured among the teams of the capital.

Keywords: documentary . Football . Galicia Esports Clube . Sports media . Série A Baiano .

SIGLAS

Facom – UFBA : Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia

Galícia E.C: Galícia Esporte Clube

CT: Centro de Treinamento

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2 DOCUMENTÁRIO: CONCEITO E BREVE HISTÓRICO.....	14
2.1 COMO SURTIU O DOCUMENTÁRIO?.....	14
2.2 DOCUMENTÁRIO: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS.....	16
2.3 O DOCUMENTARISMO NO BRASIL.....	18
3 FUTEBOL, O ESPORTE NACIONAL.....	20
3.1 O QUE É ESPORTE?.....	20
3.2 O PAÍS DO FUTEBOL.....	22
4 GALÍCIA ESPORTE CLUBE: DEMOLIDOR DE CAMPEÕES.....	25
4.1 BREVE HISTÓRICO.....	25
4.2 REALIDADE E SUPERAÇÃO.....	26
5 METODOLOGIA DE TRABALHO.....	29
5.1 ESCOLHA DO TEMA.....	29
5.2 ESCOLHA DO FORMATO DOCUMENTÁRIO.....	30
5.3 PESQUISAS.....	30
5.4 ESCOLHA DAS FONTES.....	31
5.5 ESCOLHA DOS PLANOS.....	31
5.6 GRAVAÇÕES.....	32
5.7 DECUPAGEM.....	32
5.8 ROTEIRO.....	33
5.9 EDIÇÃO.....	33
5.10 SELEÇÃO DE IMAGENS.....	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Nossa paixão sempre foi o esporte. Desde o início do trajeto na faculdade, o tema foi sempre o mesmo e a vontade de produzir algo que acrescentasse à cultura esportiva nos impulsionava bastante. Antes mesmo da descoberta do tema do trabalho de conclusão de curso, nos reuníamos no Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Jornalismo Esportivo na Bahia, orientado pelo professor Maurício Tavares para debater questões acerca do esporte, do jornalismo e da análise das mídias esportivas baianas.

Através destas discussões, surgiu a idealização de fazer um trabalho que fosse diferente àqueles já produzidos no meio acadêmico e já tão debatidos no meio profissional sobre as agremiações esportivas mais publicadas do estado: Bahia e Vitória. De maneira tal que, na busca por uma visão do cenário baiano, chegamos ao Galícia Esporte Clube, instituição que completava 80 anos ao início de 2013.

Como em todo coração de torcedor batem histórias de amor e lembranças para o clube de predileção, nos sentimos tocados pela emoção de fazer um videodocumentário sobre o Galícia, já que nossos antepassados fizeram parte da história da equipe azulina: o avô (*in memoriam*) de Rafael foi diretor do clube azulino e parte da família de Ana Carolina já participou de atividades galicianas, tanto como atletas, quanto na direção do clube.

A intenção do videodocumentário “O Demolidor voltou: Galícia E.C” é contar a trajetória do clube desde o primeiro tricampeonato baiano de 1941, 1942, 1943 até o seu ressurgimento com o acesso a série A do Campeonato Baiano no ano de 2013, colocá-lo com grande formador de talentos para o futebol brasileiro, retratar sua torcida, dificuldades financeiras e estruturais no comando da entidade e apontar perspectivas para o time de maior representação da colônia espanhola no Brasil.

O Galícia E.C já foi cinco vezes campeão do campeonato baiano. Além do tri em 41, 42, 43, o Demolidor de Campeões, como é apelidado o clube da Cruz de Santiago, já venceu os campeonatos estaduais de 1937 e o de 1968, última conquista do azulino. Após muitos insucessos, principalmente na primeira década dos anos 2000, quando o clube parou de disputar o Campeonato Baiano de equipes profissionais (durante os anos de 2002 a 2006), o

clube teve seu prestígio diminuído dentro do campo esportivo, e apenas assistiu ao grande crescimento dos rivais Bahia e Vitória no futebol nacional. Com isso, boa parte dos torcedores, entre espanhóis e baianos simpatizantes com o clube, tiveram muitas vezes de torcer por estas equipes, que eram mais bem administradas e vitoriosas.

Por isso também que a volta do clube à primeira divisão baiana é tão importante para o futebol de Salvador. Os torcedores originalmente galicianos e também outros que ainda não tenham time para acompanhar, poderão participar e saber um pouco mais do Galícia.

O videodocumentário se interessa em mostrar a torcida remanescente do clube e a história do mesmo por acreditar na renovação de uma cultura, principalmente soteropolitana, que não seja tão rivalizada entre os ditos grandes clubes da região e que se procure fomentar a busca histórica e até mesmo a reaproximação espanhola com a equipe fundada por imigrantes provenientes da região da Galícia, também devido a Copa do Mundo que acontece no país em 2014.

Como fontes utilizadas para a produção da obra foram recolhidos depoimentos de jogadores, ex-jogadores, técnicos, torcida e diretores direta e indiretamente ligados ao clube. A opinião de comentaristas esportivos em dado momento também foi de suma importância para a discussão do papel da comunicação no progresso ou não do time de origem galega.

A obra resgata as memórias do Galícia E.C do ponto de vista de quem celebra antigas vitórias e se orgulha da formação de atletas de nível nacional em busca de um futuro mais animador. No entanto, o videodocumentário não deixa de mostrar as dificuldades do clube financeiramente e no que diz respeito à participação da torcida e à veiculação da mídia em torno do clube azulino.

Histórias marcantes de jogadores e a paixão da torcida pela agremiação esportiva são as principais marcas da obra, que é otimista no que diz respeito ao futuro do clube. Segundo o próprio título, O Demolidor voltou: Galícia E.C, a busca é sincera por melhores anos para a entidade, em fase de reestruturação no esporte.

A falta de estudos acadêmicos e até mesmo a falta de publicações do próprio clube em relação à memória da equipe, mesmo ela tendo alcançado os 80 anos em 1º de janeiro de 2013,

também foi um incentivador para um trabalho de pesquisa mais profundo. Atualmente, alguns trabalhos acadêmicos vem sendo feitos, mas é pouco para o acervo que o time com tamanha representatividade, inclusive no ponto de vista cultural, têm para o cidadão baiano.

O memorial descritivo deste documentário foi baseado em leituras e pesquisas relacionadas à três grandes áreas de estudo: o esporte, o jornalismo e o documentário. A escolha por esta tríade se fundamentou em pesquisas que convergem à produções desde Tubino (1999) até Coelho (2003) e Nichols (2008). Eles estão entrelaçados ao conjunto dos estudos sobre os temas citados, que tem também a presença de teóricos como Huizinga (1996), Guterman (2009) e Ramos (2008).

Além dos trabalhos impressos, também foram analisados e investigados para a produção das imagens do documentário, algumas poucas produções de vídeos que tratam do futebol baiano e que constam no acervo das universidades do estado e do roteiro que foi referência para a construção deste que é o projeto fílmico *Bahêa Minha Vida* (2011).

Para tratar sobre questões metodológicas deste documentário, foi criado um capítulo no memorial para questões como procedimentos técnicos de gravação, roteiro, edição, escolha das fontes, dos enquadramentos e das locações para gravação. Assim, é possível entender um pouco mais sobre como foi realizado o projeto, desde o início da concepção da ideia até a fase de montagem e finalização.

O interesse principal deste trabalho é evidenciar para a população, principalmente soteropolitana, a existência do Galícia E.C como uma possível terceira força no estado. A divulgação deste documentário nas redes, através principalmente do Youtube, ferramenta massiva da internet de conteúdo audiovisual, vai permitir o resgate da história do Galícia ao mesmo tempo em que renova para o público o interesse pela história e pelo futuro do clube que acaba de ascender a primeira divisão do Campeonato Baiano.

Além da veiculação no Youtube, pretende-se também a divulgação do trabalho nas emissoras de televisão baianas, principal meio de comunicação no assunto. Como público, não há distinção de idade e tampouco de classe social, afinal o intuito do trabalho é atingir a torcedores mais velhos, que conhecem bastante a memória e o potencial da agremiação até a década de 90, e públicos mais jovens, inclusive com entrevistas de torcedores jovens que são

identificados com a entidade. A exibição do documentário também foi sugerida para ser mostrada antes das partidas do azulino no Campeonato Baiano, no estádio Roberto Santos, mais conhecido pelos galicianos como Pituazul.

2. DOCUMENTÁRIO: CONCEITO E BREVE HISTÓRICO

2.1 COMO SURTIU O DOCUMENTÁRIO?

Este memorial não possui a intenção de abordar toda a história da construção do documentário, com seus paradigmas e resoluções ao longo de mais de dois séculos de origem. A iniciativa deste ponto é contribuir para o entendimento e justificativa de porquê este trabalho de conclusão de curso foi realizado neste gênero audiovisual. Para isso, houve a necessidade de esboçar um pouco da história e conceituação de como o documentário surgiu e algumas de suas discussões, principalmente àquelas que perpassam a iniciativa do mesmo, como as diferenças e conjunções entre o mesmo e a abordagem jornalística.

É importante ressaltar que o videodocumentário não foi gerado antes da produção dos mesmos, ou seja, não se pensou na formulação deste gênero, antes que houvessem obras que produzissem uma sensação de realidade e proximidade com o público que iniciasse as discussões sobre uma nova forma de ver o mundo histórico. Desta forma, o documentário surge após o início da produção cinematográfica do fim do século XIX, e buscou, desde o princípio, explorar limites e tradições que eram específicas do ambiente filmico, e avançando em vista de uma maneira mais próxima de retratar o cotidiano das pessoas.

Como um dos principais marcos do início da produção do documentário estão os filmes de Louis Lumière, feitos ainda no final do século XIX, quando ele fez imagens de pessoas em seus ambientes cotidianos, exibidas no cinematógrafo. Filmes como *Saídas dos trabalhadores das fábricas Lumière*, *A chegada do comboio à estação*, *O regador regado* e *O almoço do bebê* são obras em que há uma clara tentativa de amostragem de ambientes reais, onde os personagens (familiares e trabalhadores) estão em seus ambientes naturais da vida cotidiana.

Essas imagens duravam menos de um minuto e foram, aos poucos, ganhando novos adeptos na mostragem de meios reais, principalmente àqueles que não eram vistos no meio televisivo. Culturas exóticas e lugares estranhos ao ambiente televisivo foram sendo registrados nesta época de experimentação e descoberta de maneiras de gravar imagens de cenas simples do cotidiano normal da população.

Já nos anos 20, com o refinamento narrativo da filmagem documental, começa-se a produzir conteúdos com um pouco mais de elaboração do ponto de vista de contar histórias. A partir da obra de Robert Flaherty, denominada de *Nanook of the North*, na qual se conta, cronologicamente, a vida de um esquimó e sua família, conceitua-se um novo momento da filmagem documental, principalmente por esta produção utilizar de uma perspectiva dramática de ver o mundo histórico.

Segundo Nichols (2008), na década de 20, é possível identificar a presença de três modos de produzir um documentário: experimentação poética, relato narrativo de histórias e oratória retórica. A experimentação poética surge juntamente com as práticas modernistas do início do século XX e é essencial na entrada da voz no gênero, porém, o caráter documental era muito mais exibicionista (como no chamado cinema de atrações da década de 10) do que realmente poético.

Por conseguinte, o gênero assistiu à mudanças mais profundas com a chegada da narração propriamente dita, que possibilitou aos cineastas não-ficcionais a produção de biografias e outros projetos que, contassem, cronologicamente, com a utilização da voz, um fato.

Já em meados de 1930 e 1940, a oratória retórica aparece para trazer novos paradigmas aos estudos, principalmente no que diz respeito à manipulação da realidade e a discussão ética em relação ao gênero, com a produção de documentários que tratavam da ascensão de movimentos fascistas, como o nazismo na Alemanha.

Filmes que coreografavam a soberania de Adolf Hitler e do seu exército geraram duras críticas da categoria, porém inovaram no entendimento de que a criação documental pode infringir os ideais de imparcialidade e objetividade, essenciais para o jornalismo e também para o que se diz do realismo documental. Sobre esta questão, polêmica até mesmo nos dias atuais com a inserção do voz *over*, Ramos (2008, p.29) é enfático:

Um documentário pode ou não mostrar a verdade (se é que ela existe) sobre um fato histórico. Podemos criticar um documentário pela manipulação que faz das asserções que sua voz (*over* ou dialógica) estabelece sobre o mundo histórico, mas isso não lhe retira o caráter de documentário.

Desta forma, com o desenvolvimento da produção documental, outras mudanças acontecem. A partir de 1960, e em contraponto aos documentários criados para satisfazer necessidades

políticas, a forma mais comum das obras eram expositivas, evitando comentários e a encenação, narrando os fatos conforme eles acontecem. Já em meados desta década, assiste-se a documentários onde o cineasta tem mais participação, com a inserção das entrevistas e interação com os entrevistados. A utilização de imagens de arquivo, tão comuns nos documentários atuais, começam a serem reproduzidas nesta época. Outras mudanças ocorreram no cenário documental já nos anos 80, quando os autores das obras passaram a descrever e questionar, em seus filmes, o formato do documentário e a enfatizar aspectos subjetivos em um discurso classicamente objetivo (variações no estilo de se fazer o registro documental).

Vale ressaltar que o surgimento de novas linhas de pensamento e de técnicas no uso do formato documentário não exclui, de forma alguma, a utilização de pensamentos anteriores. Com o avanço da técnica, tanto as formas mais performáticas, como os documentários mais reflexivos permaneceram em alta, juntamente com o crescimento do público espectador. Para esta obra, enfim, vale destacar também um pouco mais sobre o que os teóricos no meio pensam sobre a conceituação do documentário, atualmente, e das principais características que cercam o gênero.

2.2 DOCUMENTÁRIO: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS

Para conceituar o formato de videodocumentário, é preciso recorrer aos teóricos e mais estudiosos do assunto. A estreita linha que delimita o que é ou não documentário é definida por Nichols (2008, p.27) da seguinte forma:

Daqui em diante, chamaremos de "ficção" os documentários de satisfação de desejos e usaremos simplesmente "documentário" como simplificação da não ficção de representação social. Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social.

Com isso, o que Nichols (2008) insere como documentário é tudo aquilo que não é ficção e que representa socialmente uma visão do mundo histórico do cineasta para com a sociedade

em geral. Ainda segundo seus estudos, Nichols (2008, p.47) busca sacramentar a visão de que o documentário não é uma reprodução da realidade, mas sim uma representação dela, como afirma no seguinte trecho:

Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão de mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares.

Para Ramos (2008, p.22) o conceito de documentário aproxima-se bastante com a visão de Nichols, adicionada a percepção do espectador do documentário. Para ele, o formato documental sugere uma narrativa com imagem-câmera que “estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo”.

Para que este espectador possa identificar obras filmicas como documentários, faz-se necessário de que o mesmo tenha em mente alguns dos elementos mais tradicionais usados no gênero e apontados por Nichols (2008, p.54) como característicos do formato documental: o uso do comentário com voz de Deus, entrevistas, gravação de som direto, os cortes para introdução de imagens que ilustrem ou completem a situação mostrada numa cena e o uso dos atores sociais, ou de pessoas em suas atividades e papéis cotidianos, como personagens principais dos filmes.

Segundo as autoras Melo, Gomes e Morais (2001) existem também outras características dos documentários que não foram citadas acima como: o caráter autoral do produto, diferente do que acontece com a grande reportagem, na maioria das vezes ela é parte de um todo, de um programa vinculado a alguma emissora de televisão; a não obrigatoriedade da presença de um narrador, visto que depoimentos entrepostos podem ditar o ritmo da produção, como acontece no documentário *Bahêa Minha Vida* (2011).

Sobre o caráter autoral que um documentário deve imprimir, Ramos (2008, p.58) explica que existe um espaço mais denso neste gênero para a expressão do viés autoral que gera a possibilidade de uma articulação discursiva mais trabalhada, ausente na reportagem. Porém, a diferença central entre grande reportagem e documentário está em outro ponto, quando comenta:

O documentário constitui uma forma narrativa que é geralmente fruída na unidade de uma extensão temporal determinada. Em outras palavras, as vozes que enunciam no documentário pertencem a um conjunto discursivo orgânico que estamos chamando de narrativa. E qual é a unidade da narrativa documentária? Algo muito próximo daquela que chamamos de filme: uma unidade narrativa enunciada numa duração temporal variável, mas una, sendo veiculada ao espectador enquanto unidade. O documentário, portanto, é um filme no modo que possui veicular suas asserções e no modo pelo qual as asserções articulam-se enquanto narrativa com começo e fim em si mesma.

Porém, mesmo com esta diferença, a voz presente em documentários podem ser imparciais, assim como no estilo da maioria dos jornalistas de televisão. Segundo Nichols (2008), a voz *over*; aquela que nos transmite a lógica, o argumento ou o ponto de vista do autor, pode defender uma postura que, de fato, diz: “Veja isto desta forma”. Para ele, “a voz pode ser estimulante ou tranquilizadora, mas seu tom transmite um ponto de vista pronto: com o qual se espera que concordemos.”.

Seguindo os estudos sobre o documentário, foi importante também uma análise apurada acerca da produção documental no Brasil e do que é produzido como documentário esportivo aqui na Bahia para melhor entender estas nuances do que é justo ou não fazer no que diz respeito a um documentário com viés de jornalismo esportivo como foi o que fizemos com O Demolidor voltou: Galícia E.C.

2.3 O DOCUMENTARISMO NO BRASIL

A produção de documentários no Brasil se inicia acompanhando o surgimento do cinema no país, assim como aconteceu em todo mundo. Primeiramente, apenas registros eram feitos de festas, cerimônias cívicas e outras ações, geralmente realizadas pelo poder público. Na Bahia, o precursor do gênero foi Rubem Pinheiro Guimarães, em 1909. A partir de 1920, as imagens passaram a ser mais calculadas esteticamente e o olhar documental surgia em Humberto Mauro, cineasta brasileiro que retrava imagens da população nos seus filmes naquela época. Nos anos 30, com o primeiro governo varguista, o gênero documentário foi controlado pelo Estado Novo e poucas eram as produções viabilizadas pelo governo. O INCE (Instituto Nacional de Cinema Educativo) teve sua produção baseada na direção de Roquette-Pinto e as obras daquele período eram basicamente educativas.

Mais a frente, em 1949, com a fundação da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, houve uma grande evolução técnica e tecnológica da produção comandada por Alberto Cavalcanti, mas que seguia caminhos narrativos bastante tradicionais. Apenas nos anos 50 é que começam as produções de documentários realmente autorais. Já a inserção das entrevistas nos documentários só foram amplamente aceitas na década de 70.

Vale destacar entre essas duas datas, a extensa produção relacionada ao Cinema Novo no Brasil, de caráter neo-realista e que mudou bastante os parâmetros das obras filmicas brasileiras. Como destaque, a obra *Garrincha, Alegria do Povo* (1962), de Joaquim Pedro de Andrade, documentário que ainda se utilizava de voz de estúdio, mas que teve grande cartaz internacionalmente.

Após momentos turbulentos e de muita repressão com a ditadura militar no Brasil, o país só voltou a se desenvolver mais na área nos anos 70, com o apoio do *Globo Repórter*, programa que possibilitou o crescimento de grandes cineastas no país, como Eduardo Coutinho. A partir desta década, o Brasil passou a colaborar com documentários de denúncia e representatividade social, mesmo em épocas duras do cinema no país, principalmente quando o governo brasileiro dificultava a viabilização dos recursos para iniciativas deste porte.

Mais voltada a temática e a regionalidade do documentário produzido em questão, são raras as obras que tratam de futebol baiano atualmente. Além dos acervos universitários, uma única lembranças nos últimos dez anos de filmagem documental foi o filme *Bahêa Minha Vida* (2011). Além deste, videodocumentários como *Ba x vi, Uma rivalidade “civilizada”*, de José Raimundo Silveira e Roberto Perazzo Filho (1999), *Sonora, passagem e gol*, de Jony Torres (2002) e *Barradão: Um grito de Glória* (2010) são alguns dos documentários que tratam de temas relacionados ao jornalismo esportivo baiano. Sobre o Galícia E.C, não foi encontrado nenhum registro que se aproximasse da obra documental criada.

3 FUTEBOL, O ESPORTE NACIONAL

3.1 O QUE É ESPORTE?

Antes de tratarmos sobre o futebol e o passado glorioso do Galícia E.C, julgamos necessário fazer uma breve discussão conceitual sobre esporte. Para tal usamos como referências principais dois autores, Huizinga (1996) e Tubino (1999).

O esporte vem ganhando cada vez mais lugar na mídia internacional por se tratar de um dos maiores fenômenos sócio-culturais do último século. Mas de onde vem o esporte? O termo esporte foi criado no séc. XIV por marinheiros que usavam da expressão “fazer esporte” ou “sair do porto” para explicar seus *hobbies* que envolviam algum tipo de atividade física. Nesta época, o jogo já era presente nas relações humanas.

O jogo é um fenômeno cultural inerente ao ser humano e até a animais, logo anterior à cultura. Contudo, não podemos confundir. O jogo não é colocado por Huizinga como um passo à determinada função cultural, uma mera transformação de jogo para cultura. Na verdade o autor afirma que a cultura é detentora de um caráter lúdico, e que em ambientes mais primitivos, era o que ele chama de jogo. Sendo assim o jogo é inegável segundo Huizinga e constitui uma importante marca histórica na construção cultural dos homens, como vemos em: “A existência do jogo é inegável. É possível negar, se se quiser, quase todas as abstrações: a justiça, a beleza, o bem, Deus. É possível negar-se a seriedade, mas não o jogo.” (HUIZINGA, Johan, 1980, p. 6).

Ao teorizar a atividade lúdica, Huizinga (1980, p.33) nos traz o conceito de jogo muito próximo do que chamamos de esporte hoje, ao dizer que:

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da 'vida cotidiana'.

Para o pesquisador Karl Diem, considerado por muitos um dos maiores estudiosos de esporte do século XX, o esporte está diretamente atrelado à cultura dos povos e sua história. Por meio do esporte podem-se compreender épocas e etnias, já que cada período histórico tem seu esporte principal e nele se reflete a essência de cada povo. Portanto, a história do esporte, é a própria história dos jogos, sendo o jogo o vínculo entre esporte e cultura.

Portanto, o jogo está diretamente relacionado ao esporte, mas não pode ser considerado esporte. Para Tubino (1999), o esporte é uma manifestação da cultura física que acaba por compreender a dança e a recreação e apresenta-se como uma ciência que engloba a medicina, a psicologia, sociologia, biomecânica esportiva, história, filosofia, pedagogia do esporte e qualquer outra área humana que apresente algum tipo de conexão científica com o esporte.

Uma das grandes diferenças entre jogo e esporte, é que o esporte é abortado por Tubino como uma atividade fundamentalmente humana, composta de regras determinadas e que passaram por uma espécie de validação, através das federações esportivas. Já o jogo é apenas uma atividade de recreação animal ou humana.

Na modernidade temos Thomas Arnold, que tinha suas ideias fortemente influenciadas pelo Darwinismo, e assim deu ao esporte um caráter utilitário. Para ele o esporte era constituído de três características fundamentais: é um jogo, é uma competição e é uma formação. As duas primeiras características já eram também aplicadas na idade antiga (jogos gregos) pelas ideias de Platão, mas a característica da formação foi introduzida por Arnold por acreditar, diferentemente de Platão, que o esporte era uma auxiliar ao corpo e dissociado da ideia de corpo e alma unificados. Nasce o associacionismo da necessidade de criar entidades que regulassem as disputas (federações e clubes), o primeiro passo para uma ética ligada ao esporte. O estado passou também a intervir no esporte e aos poucos a perspectiva pedagógica foi sendo substituída por um sentido de rendimento.

Houve interferência dos estados nos esportes, como na década de 30 e as ações propagandísticas de Hitler afim de uma promoção de uma dita raça superior, e na Guerra Fria, que passou a representar disputas entre o capitalismo e o socialismo. Durante esse período em que o esporte foi entendido apenas pelo aspecto do rendimento, as perspectivas eram sombrias. Contudo, isso gerou três grandes movimentos importantes. O da intelectualidade internacional, o dos organismos internacionais ligados ao esporte que passaram a divulgar manifestos e o *Trimm*, movimento que nasceu na Noruega, que posteriormente recebeu o nome de Esporte para Todos.

A partir desses movimentos, Philip Noel-Baker, assinou o Manifesto do Desporto. Documento que passou a reconhecer a existência de outras manifestações esportivas que não a de rendimento, admitindo assim o esporte escolar e o esporte do homem comum. Todos esses movimentos contribuíram para a democratização do esporte permitindo que pessoas comuns pudessem praticá-lo. Contudo, o esporte ampliou seu conceito com “A Carta Internacional de Educação Física”, publicada pela UNESCO, a carta estabelece que a atividade física e prática esportiva são direitos de todos. Hoje a abrangência do termo esporte está fundada em suas três manifestações: o esporte-educação (caráter formativo: baseia-se em princípios educacionais, como participação, cooperação, co-educação, integração e responsabilidade), o esporte-participação (caráter lúdico: esta manifestação esportiva não tem compromisso com regras institucionais ou de qualquer tipo e tem na participação da população comum o seu sentido maior) e o esporte-performance (caráter institucional: fazem parte federações internacionais e nacionais que organizam as competições no mundo todo).

Um aspecto muito importante para nosso estudo, destacado por Tubino é o econômico ligado ao esporte. Ele demonstra como o mercado regula o esporte a partir do crescimento dos meios de comunicação de massa. Os investidores passaram a ver o esporte como forma de espetáculo que poderia gerar lucro. A transformação do esporte em um setor de mercado acabou dando origem a um processo de seleção nas modalidades esportivas de acordo com a possibilidade que cada modalidade tem de tornar-se um espetáculo. No caso do Brasil o maior destaque é o futebol.

O maior problema enfrentado com a transformação do esporte em um setor de mercado é o detrimento da ética do esporte pelo mercantilismo, Tubino (1999) assim cita:

No esporte-participação e no esporte-educação, esse aspecto comercial existe, mas de uma forma tímida, sem ser indispensável. O esporte-performance, contudo, tornou-se irremediavelmente dependente dos esquemas comerciais.

3.2 O PAÍS DO FUTEBOL

A história mais aceita sobre a introdução do futebol no Brasil é de que Charles William Miller, ao voltar de seus estudos na Inglaterra em 1894, trouxe em sua bagagem algo novo para o Brasil, mais especificamente para São Paulo, duas bolas de futebol. Até então o esporte mais

popular era o críquete. O futebol então se instalou como um esporte elitista, restrito apenas aos brancos bem nascidos da época.

Ainda em 1894, Charles Miller funda o primeiro clube de futebol do Brasil, o *São Paulo Athletic Club*. Já em 1898, o primeiro time voltado apenas para brasileiros aparece com o nome de *Associação Atlética Mackenzie College*. No ano seguinte, em 1899 é fundado o *Sport Club International*, primeiro clube brasileiro que só praticava futebol. Mais a frente, em 1902, foi realizado a primeira competição oficial no Brasil, o Campeonato Paulista de Futebol e, a partir daí, surgiram federações esportivas. A primeira delas foi a Federação Brasileira de Sports (FBS), em 1914.

Com o surgimento dos campeonatos regionais, a imprensa passou a interessar-se cada vez mais pelo esporte que passava a atrair grande público, principalmente a partir de 1920, período em que os negros e pobres começaram a ser aceitos, sendo o Vasco da Gama a primeira equipe a conquistar títulos com um elenco miscigenado.

Em 1920, o futebol chegou a um nível de popularização tão grande que passou a ser o esporte preferido dos brasileiros. Contudo, e ao mesmo tempo, o esporte passou a sofrer uma série de críticas vindas de setores da elite intelectual como Graciliano Ramos e Lima Barreto e por parte da classe trabalhadora, que viam o futebol com desconfiança, associando-o a alienação imposta por donos de fábricas.

Com a popularização do esporte, iniciou-se uma modificação no cenário, o amadorismo, realidade do esporte até então, passou a caminhar para o profissionalismo. Os primeiros jogadores assalariados eram operários, pois ao perceber que o sucesso das equipes publicizavam os nomes das fábricas, os donos começaram a investir em trabalhadores bons de bola. Tais trabalhadores passaram a receber prêmios por vitórias, o chamado ‘bicho’, além de benefícios como dispensa para treinar e trabalhos fabris mais leves. Surgiu então o que foi chamado de ‘operário-jogador’ e a valorização do chamado ‘capital esportivo’. Sobre o tema, Filho (2003, pp.84-89) trata:

Operário que jogasse bem futebol, que garantisse um lugar no primeiro time, ia logo para a sala do pano. Trabalho mais leve.(...) Os garotos que jogavam no largo da igreja sabiam que, quando crescessem, se fossem bons jogadores de futebol, teriam lugares garantidos na fábrica. (...) Depois de trabalhar muito, e principalmente, de jogar muito, o operário-jogador ganhava o prêmio da sala do pano. E podia ser ainda melhor se continuasse a merecer a confiança da fábrica, do Bangu. Havia o escritório, o trabalho mais suave do que na sala do pano. E o ordenado maior.

Durante o governo Vargas, houve um esforço muito grande para alavancar o futebol no Brasil. Tivemos grandes marcos como a construção do Maracanã e a Copa do Mundo de 1950, realizada no país. O futebol passou a ser um elemento de identificação nacional, que reunia jogadores de diversas etnias, classes sociais e regiões do país. A partir da copa de 50, o futebol se firmou como o esporte nacional brasileiro ocupando grande espaço de audiência na mídia brasileira. Os cinco campeonatos mundiais ganhos pela Seleção Brasileira continuaram e continuam por influir no gosto popular, afinal quase todo menino sonha em ser jogador de futebol, ainda hoje.

4. GALÍCIA ESPORTE CLUBE: O DEMOLIDOR DE CAMPEÕES

4.1 BREVE HISTÓRICO

O Galícia Esporte Clube foi fundado em primeiro de janeiro de 1933 por imigrantes espanhóis vindos da região galiciana. Como muitos times de colônias da época, como é o caso do Vasco da Gama, clube do Rio de Janeiro, o time foi criado com a intenção de ser um dos pontos de encontro da colônia espanhola na Bahia (a maior colônia espanhola do Brasil), além de servir como integração dos imigrantes com a população local, afinal o futebol sempre foi usado para aproximar pessoas em qualquer região.

A ideia para a criação surgiu meses antes na padaria Paris na Ladeira da Praça e foi concretizada na antiga pastelaria Madri no Comércio. Os fundadores do clube foram Eduardo Barral, Nemézio Martinez, Cândido Trancoso, Victor Olberos, Argemiro Rivas e Nicanor Martinez. O primeiro presidente do Galícia foi Eduardo Castro La Iglesia.

Em 1935 o Galícia conquista seu primeiro título em cima do até então tradicional Ypiranga, no Torneio Início. Em 1937 o clube ganhou o seu primeiro campeonato baiano, foram 11 vitórias e apenas uma derrota para o Ypiranga. A final do campeonato foi disputada em 16 de janeiro 1938 no Campo da Graça e o Galícia bateu o Ypiranga por 1 x 0.

Ao ser o único clube a derrotar o campeão Esporte Clube Bahia em 1936, o Galícia recebeu o título de “O Demolidor de Campeões” – o termo foi usado pelo jornalista Aristóteles Gomes do jornal A Tarde e abraçado pela torcida.

A maior conquista do Galícia veio na década de 40, quando o time sagrou-se o primeiro tricampeão baiano de futebol com os títulos de 1941, 1942 e 1943. Logo após sua criação, o time já se destacava no cenário baiano e nos anos de 1935, 1936, 1938, 1939 e 1940 o time foi vice-campeão baiano.

Após um período sem títulos, em 1967 o Galícia volta a ser vice-campeão baiano, perdendo a partida para o Esporte Clube Bahia. Esse foi um dos jogos mais controversos da história da agremiação, pois muitos dizem que o árbitro da partida teria beneficiado o Bahia na partida final da competição. Já em 1968 o Galícia conquistou o seu último título baiano.

Na década de 70, o time sofre um grande período de jejum e só volta em 1980 a ganhar um vice-campeonato estadual. Depois, em 1995, o Galícia disputou sua última final do campeonato contra o Esporte Clube Vitória, sendo vice-campeão daquele ano.

Em 1999, o Galícia é rebaixado para a segunda divisão do torneio e em 2002 o clube licenciou-se da principal competição estadual disputando apenas com o elenco de juniores. Apenas em 2006 é que a entidade retorna. Em 2007, o clube foi vice-campeão da segunda divisão, contudo, só o primeiro colocado conseguia o acesso a elite do Baianão naquela época e a torcida azulina teve que esperar mais um pouco para ver o Demolidor de Campeões de volta a série A da competição. Só em 2013 é que o clube consegue finalmente o acesso, após 14 anos afastado da elite, conquistando o título da série B do campeonato.

O Galícia sempre foi um celeiro de jogadores espetaculares, e vale citar algumas de suas principais revelações. A primeira grande revelação do Galícia foi Servillo, revelado em 1935 e que em 1938 foi transferido para o Corinthians. Oséas foi outro talento lançado pelo azulino em 1990, ele jogou depois pelo Atlético Paranaense, Palmeiras, Santos, Cruzeiro e até na Seleção Brasileira. Outro grande nome do Galícia foi Washington que teve passagem pelo Corinthians, Fluminense (onde teve como companheiro de ataque, Assis), Internacional, Botafogo e também atuou na seleção canarina. A última revelação galiciana que talvez seja mais conhecida nos dias de hoje é Dante, jogador do Bayern Munique e atual zagueiro da Seleção Brasileira e que provavelmente disputará a Copa de 2014.

4.2 REALIDADE E SUPERAÇÃO

Na maior parte dos seus 80 anos de existência, o Galícia sempre foi uma das principais equipes de Salvador. Os grandes destaques da capital sempre foram o Esporte Clube Bahia, o Esporte Clube Vitória, o Galícia Esporte Clube e o Esporte Clube Ypiranga. Com a queda do Galícia e do Ypiranga, a força do futebol no estado passou a ser somente Bahia e Vitória. Com isso, as coberturas esportivas no estado passaram a girar em torno desses grandes clubes.

Dentro da Bahia, é quase nula a produção midiática e audiovisual voltada para o futebol dos clubes vistos como pequenos: Galícia, Ypiranga, Vitória da Conquista, Bahia de Feira, entre outros. As publicações existentes, sejam televisivas ou documentais, retratam os principais

clubes do estado, no caso, Bahia e Vitória. Como exemplo temos o documentário *Bahêa Minha Vida*, direção de Márcio Cavalcante, que foi exibido em cinema e conta um pouco a história do Esporte Clube Bahia.

A imprensa local prefere muitas vezes noticiar equipes do Rio de Janeiro e São Paulo do que tratar dos clubes menores - aqueles que mais precisam de visibilidade - devido a busca de audiência pelas emissoras. E isso muito tem a ver com a falta de interesse por parte dos clubes tidos como grandes do estado em valorizar o futebol estadual. Bahia e Vitória utilizam as equipes pequenas apenas para a retirada de jogadores para seus plantéis, dificultando o crescimento do campeonato baiano, principal torneio destas entidades de porte menor.

A triste submissão de clubes como o Galícia passa a existir devido à falta de incentivo por parte das federações e das mídias locais e pelas dificuldades financeiras que são consequência da pouca visibilidade do clube, que acaba por não atrair patrocinadores e investidores. A torcida, antes numerosa e tradicional no estado, passa a ver o clube sempre como perdedor, pouco noticiado e também como um clube vendido aos grandes, quando em negociações, as equipes mudam de uniforme e até de cidade para se manterem vivas economicamente.

A dificuldade em conseguir patrocínio é enorme, e os clubes como o Galícia acabam montando times sem condições de disputar com os grandes, ficando sempre em segundo plano. A bola de neve então se forma. O time não é noticiado por não conseguir bons resultados e se destacar no campeonato, sem visibilidade de marca os patrocinadores acabam por buscar os grandes clubes que estão sempre na mídia, sem os recursos financeiros adequados os clubes menores não conseguem armar times que briguem com os times grandes e acabam por não conseguirem se sobressair. Isso afeta também o número de torcedores, pois o torcedor busca sempre a emoção da conquista, do título, e se isto não acontece, a torcida acaba migrando para clubes com mais destaque e enfraquecendo as agremiações menores.

Em 2013, o Galícia conseguiu o acesso, e com a mudança na diretoria, a equipe conseguiu ser planejada para a disputa do campeonato, e a esperança da torcida e dos dirigentes é que o clube consiga se manter na elite do campeonato e ir aos poucos angariando investidores para próximos torneios. A atual realidade do clube é que parte dos jogadores são pagos por seus empresários que vêm no Galícia uma forma de divulgar e trabalhar seus jogadores, a diretoria é toda composta por voluntários, a divisão de base não recebe investimento, o campo de

treinamento não proporciona um bom trabalho para os jogadores e o clube precisa muitas vezes gastar o pouco dinheiro de caixa com aluguel de outros espaços para treino. Os dirigentes se revezam para comprar material, remédio e suplementos alimentares para os jogadores, mas todos trabalham unidos com o intuito de reerguer o Demolidor de Campeões.

5 METODOLOGIA DE TRABALHO

5.1 ESCOLHA DO TEMA

A ideia deste trabalho de conclusão de curso sempre foi dar visão aos menos expostos pela mídia tradicional no esporte. O olhar e as discussões sobre jornalismo esportivo sempre nos deixou inquietos em relação a marginalização daqueles com pouca visibilidade no ramo. Clubes nordestinos preteridos em favor das equipes da Região Sudeste (São Paulo e Rio) e na Bahia, o mais do mesmo dos telejornais locais com enquadramentos repetitivos sobre os grandes clubes Bahia e Vitória.

A partir disso, e conversando sobre coincidências acerca da participação dos antepassados dos discentes na gestão do Galícia E.C e a simpatia declarada pelo clube azulino nos levou a produzir um videodocumentário sobre as histórias do Demolidor de Campeões, estrutura financeira e econômica, torcida e preparação para a série A do Campeonato Baiano de futebol de 2014.

A busca, desde a concepção da ideia, sempre foi retratar a realidade do clube como o Galícia, campeão no passado e com vários problemas de gestão no presente para se pensar o futuro. Por isto, deu-se o enfoque em quatro temas principais: gestão administrativa do clube e o porquê do fraco desempenho do Galícia nos últimos anos, a presença da torcida como transformadora e mantenedora da história do primeiro tricampeão baiano, resgate de grandes histórias com entrevistas a ídolos do clube e, mais especificamente, como a equipe está se preparando para disputar a série A, contratações, programas de sócio e marketing.

Estas discussões nos pareceram bastante relevantes, visto as dificuldades que, até mesmo grandes clubes têm de se manter financeiramente, justamente pela maioria deles terem um modelo de gestão amador, atrasado e de fácil corrupção. Desta forma, o tema escolhido e os subtemas apresentados congregam o que de mais importante a mídia esportiva e os torcedores baianos precisam saber sobre o clube da Cruz de Santiago.

5.2 ESCOLHA DO FORMATO DOCUMENTÁRIO

Para chegarmos a uma conclusão de que produto audiovisual queríamos fazer, alguns estudos se desenvolveram e as contribuições de Melo, Gomes e Morais (2001), Ramos (2008), Nichols (2008) e Pires (2011) foram fundamentais para a escolha do formato documentário. A liberdade autoral, que não está presa a uma lógica televisiva de cortes e com bastante fragmentação, assim como outras particularidades do gênero foram de muita relevância para esta decisão.

É importante lembrar de que, além da escolha pelo formato, foi decidido que a exibição do videodocumentário se daria principalmente na sua disponibilização na internet, pelo Youtube, deixando claro o interesse em colaborar com o crescimento deste clube, já que esta ferramenta audiovisual na internet tem sido de grande valia para dispersão de filmes no Brasil e no mundo.

Pelo trabalho ter sido feito com uma dupla de discentes formada por um graduando do curso de jornalismo com experiência técnica e teórica na área de telejornalismo e uma graduanda do curso de produção cultural com experiência na produção de projetos e produção executiva, este videodocumentário teve a possibilidade de uma busca maior por fontes confiáveis e um grau de discussões internas bastante importantes para o crescimento teórico e prático dos estudantes.

5.3 PESQUISAS

Para este fim, os estudos sobre os temas relacionados a prática documental, ao jornalismo esportivo e ao esporte, oriundos da participação de ambos no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Jornalismo Esportivo na Bahia orientado pelo professor Maurício Tavares até o ano de 2012, e mais especificamente ao Galícia E.C foram bastante necessários.

Para a análise da bibliografia sobre o tema documentário, tivemos a importante ajuda da orientadora do projeto Simone Bortoliero que nos indicou autores como Bill Nichols e Fernão

Pessoa Ramos. Sobre jornalismo esportivo, o livro de Coelho (2003) e a tese de doutorado de Leandro (2011) sobre a trajetória da torcida desde o início da prática do futebol na Bahia foram de suma importância para as discussões que levávamos em grupo sobre o tema e para a conclusão deste memorial.

Por fim, os estudos sobre o Galícia E.C foram, em sua maioria, realizados juntamente com as entrevistas feitas ao historiador Galdino Silva e através da ativa colaboração dos diretores galicianos Beto Boulhosa (diretor de Comunicação) e Eduardo Matta (diretor Administrativo/Jurídico) do clube.

5.4 ESCOLHA DAS FONTES

A escolha das fontes foi feita a partir dos subtemas pensados para realização da obra. A maior parte delas foram pesquisadas e sugeridas pelos discentes e foram bastante educadas e participaram ativamente do processo de confecção do videodocumentário. Alguns deles, em sua maioria torcedores, se sentiram orgulhosos por terem sido procurados visto que a grande mídia pouco se interessou pelas ricas histórias que foram contadas pelos mesmos.

Houve muitas dificuldades com os entrevistados principalmente pela época do ano em que se encontrava o semestre letivo da UFBA (novembro a fevereiro) e pelas dificuldades também pela falta de calendário esportivo em épocas fora da disputa do Campeonato Baiano, que atrasaram um pouco as gravações da obra.

5.5 ESCOLHA DOS PLANOS

No curso de graduação de Comunicação Social na UFBA, poucas são as oportunidades de os alunos realmente aprenderem algo com as câmeras do laboratório de vídeo da instituição. Durante todo o curso, apenas uma matéria obrigatória e uma outra optativa (surgida no semestre de finalização desta produção) são destinadas aos estudos e manuseios com a câmera. Por isso, tivemos dificuldades com a escolha dos planos do videodocumentário.

Desta forma, não foram escolhidos muitos planos variáveis, apenas alternâncias dos planos geral, médio e primeiro plano. Como o documentário foi todo realizado em cima de entrevistas, não houveram tantos problemas quanto a edição do material. Quanto a movimentos de câmera, não houveram inovações, apenas movimentos tradicionais e outros de *plongée* e contra *plongée*.

5.6 GRAVAÇÕES

As gravações do videodocumentário tiveram como locações o Centro de Treinamento do clube, chamado de Parque Santiago, no estádio metropolitano Roberto Santos, mais conhecido por Parque de Pituaçu, além de outras locações de Salvador como a Escola Politécnica da UFBA e em espaços da TV Bahia e TV Band Bahia.

O operador da câmera em todos os momentos foi o discente Rafael Barreto e a operadora de áudio foi a também discente deste projeto Ana Carolina Castro. Por opção da dupla e também por não haver a disponibilidade de um cinegrafista na Facom, optamos, até por questão de aprendizado, utilizarmos nós mesmos os materiais cedidos pela faculdade, como baterias, tripé, câmera Sony HDV 1080i, cabos de áudio, carregador de baterias e microfones do tipo BOOM e o próprio já instalado na câmera. Utilizamos fitas Mini Dvs, compradas por nós mesmos apenas para esta produção.

As gravações se deram basicamente em ambientes diurnos, sem a necessidade de iluminação artificial e foram realizadas com poucas perdas de áudio e imagens.

5.7 DECUPAGEM

A decupagem foi realizada logo após o término da filmagens. As entrevistas foram decupadas separadamente e as partes mais importantes permaneceram, já que o videodocumentário foi idealizado para finalização em 15 a 20 minutos. Foi logo após a decupagem, iniciou-se a finalização de um roteiro de edição.

5.8 ROTEIRO

Primeiramente, se foi pensado um roteiro de gravação, onde cada entrevistado (seja diretor, historiador, comunicólogo ou torcedor) já tinham suas perguntas pré-definidas e os espaços de fala no documentário final também. Porém, este era apenas um pequeno esboço, já que o roteiro final só é indicado ser feito após as decupagens, quando se extraem as boas imagens e falas de cada fonte.

Neste segundo momento, foi percebido que o videodocumentário se encaminhava para divisão em três assuntos comuns a qualquer clube baiano: História, Futebol e Torcida, aquilo que move e constrói o esporte em qualquer lugar do planeta. Nesta etapa, a criatividade se transforma em transpiração e os produtores acabam por assistir as mesmas cenas até mais de cinco vezes para encontrar o tempo certo de cada momento.

5.9 EDIÇÃO

Na edição, a composição de imagens às falas foram as principais dificuldades encontradas, já que não haviam muitos registros, principalmente à época do tricampeonato baiano do Galícia (de 40 a 43). A trilha sonora privilegiou músicas referentes ao futebol, gritos da torcida do Galícia e o hino oficial do clube, tradicional e muito conhecido no meio esportivo baiano. A edição foi feita pelos autores, com a ajuda do Laboratório de TV da Facom-UFBA e do amigo Rogério Menezes, que possuía melhores técnicas de edição, abertura e finalização.

5.10 SELEÇÃO DE IMAGENS

As imagens selecionados foram condizentes com que os entrevistados nos contavam. Muitas imagens foram registros fotográficos, principalmente quando se tratou da antiga história do Galícia E.C.

A maioria das imagens do vídeo foram feitas no CT do clube da Cruz de Santiago, no Parque de Santiago. Outras imagens foram feitas no estádio Roberto Santos, mais conhecido por Pituaçu. As principais imagens realizadas neste dia foram para compor os quadros relacionados a torcida galiciana. Tentamos alternâncias de locações na parte externa e interna do CT para variar e compor a expectativa sobre a pessoa que falava, e com os comentaristas esportivos, fizemos as imagens na TV Band Bahia e TV Bahia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário “O Demolidor voltou: Galícia E.C” foi produzido com a intenção de divulgar uma das maiores forças no futebol baiano e que nos últimos anos sofreu consideravelmente por não ter investimentos, uma diretoria que lutasse para reerguê-lo, e pouca visibilidade midiática.

Buscamos com isso a valorização de pequenos clubes pela nossa mídia local, além de, produzir um trabalho acadêmico voltado para o esporte, algo que pouco se vê na Universidade Federal da Bahia e contribuir assim com o acervo de pesquisa sobre futebol, documentário e o Galícia.

Vimos uma realidade difícil para o clube, pouco investimento, muitos gastos e poucos lucros, mas principalmente muita força de vontade por parte da diretoria, dos jogadores, da comissão técnica e dos torcedores integrantes ou não da colônia espanhola - ainda que em pouco número – para fazer do Galícia a terceira força da capital, para que o time possa voltar a ser o conhecido Demolidor de Campeões, que já revelou tantos nomes importantes no futebol.

Como espectadores e adeptos do esporte baiano, este videodocumentário nos confirmou a visão de que Bahia e Vitória são exceções a uma regra que machuca os corações de torcedores de times do interior e de apaixonados pela história e pelo valor cultural que tem as equipes do Ypiranga e do Galícia E.C. Foi importante para crescimento técnico e profissional o aprofundamento com as fontes, as conversas de bastidores e as formas de tratar cada entrevistado, tentando ao máximo mantê-lo tranquilo frente a câmera.

Como documentaristas iniciantes, ficou evidente as dificuldades encontradas, principalmente em relação a disponibilização de arquivos antigos e falta de estímulos, também por parte da Universidade Federal da Bahia, em relação aos gastos de produção e principalmente pós-produção da obra. O que permanece mesmo é o orgulho de ter realizado o melhor que poderíamos para enaltecer e evidenciar a história, o futebol e a torcida do Demolidor de Campeões.

Fica a torcida também para que a equipe azulina realize um bom campeonato, para que a assessoria de comunicação trabalhe bem, em parceria com a imprensa local e que o time ganhe a visibilidade que merece. Torcemos não apenas para o Galícia, mas para todo pequeno clube

que enfrenta as mesmas dificuldades que ele e que assim possamos fortalecer nosso campeonato estadual.

Sugerimos portanto, que a imprensa baiana, assim como outros alunos de graduação em Comunicação apaixonados por futebol, façam trabalhos, sejam textuais, imagéticos ou de áudio voltados à times menos, como Ypiranga, Bahia de Feira de Santana, Vitória da Conquista, Catuense, entre outros. Esses times necessitam de atenção e apoio para conseguirem crescer e tornar nosso campeonato baiano cada vez mais forte e competitivo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Francisco Árju Ribeiro. **Futebol: um estudo comparativo sobre a estrutura e situação econômica dos clubes brasileiros**. 2003. 83 f. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2003.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: IBRASA, 1990.

CARVALHO, João Antero de. **Torcedores de ontem e hoje**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**, São Paulo: Contexto, 2003.

COELHO, Rodrigo Nogueira. **A experiência do clube-empresa no futebol: o caso esporte clube Bahia S/A Salvador 2008**. 2008. 49 f. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2008.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio – notas em torno do significado social do futebol brasileiro. In: **Revista USP (Dossiê futebol)**. São Paulo, s.e., 22 n, 1994.

FILHO, Mário. **O negro no futebol**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GOMES, I.M; MELO, C.T.V.de; MORAIS, W. O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001.

GUTERMAN, Marcos. **O Futebol Explica o Brasil**. Ed. Contexto, 2009.

HELAL, Ronaldo. **Futebol brasileiro: uma perspectiva teórica**. In: Passes e impasses – futebol e cultura de massas no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo- Norte e Sul: Manual de comunicação.** São Paulo: Edusp. 1997.

LEANDRO, Paulo Roberto. **BA-VI: Da assistência à torcida. A metamorfose nas páginas esportivas.** 2011. 167 f. Tese de Doutorado (Poscultura) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2011.

MARINS, Murilo Marins. **Futebol: razões econômicas para desempenho dos clubes: o caso do E.C. Vitória e E.C. Bahia.** 2007. 71 f. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2007.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** São Paulo: Papirus, 2008.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA JR. Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é Notícia: os bastidores do telejornalismo.** 3.ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

PIRES, Vanessa Ayres. **O documentário no Brasil: A evolução da linguagem.** 2007. 54 f. Trabalho de conclusão de curso – Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2007.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

SANTOS NETO, Antonio Alberto Matheus dos. **A estrutura organizacional do futebol no Brasil e o Clube dos 13: análise comparativa entre os modelos de organização do futebol brasileiro, europeu e das ligas nos EUA.** 2009. 63 f. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal da Bahia, 2009.

SILVA, Fernanda Mauricio da. **Jornalismo esportivo como área específica na televisão: O pacto sobre o papel do jornalismo no Globo Esporte e Bate-Bola.** In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005.

SILVA, Alexandre Alves da. DE LÉO BATISTA A TADEU SCHMIDT: a evolução da nota coberta no telejornalismo esportivo. In: Encontro de História da Mídia da Região Norte, I, 2010, Tocantins, 2010.

SIMÕES, Irlan. **Outras Palavras**: Triste submissão do futebol nordestino. 2012. Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net/2012/05/04/triste-submissao-do-futebol-nordestino/>>, 20 de janeiro. 2012.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva **Cobertura esportiva na televisão**: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento

TUBINO, Manoel. **O que é Esporte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1999.